

Perfis demográficos e modos de industrialização — o caso do Barreiro*

1. Esta comunicação tem como objectivo ilustrar e problematizar a relação entre *família* e *indústria* num lugar particularmente significativo do tecido industrial português contemporâneo: o Barreiro, cidade situada na margem sul do Tejo, hoje com cerca de 80 000 habitantes, que cresce, desde os finais do século XIX, à sombra de uma experiência industrial.

Vila pobre de pescadores e camponeses, acomodada num litoral recortado, o Barreiro era conhecido nos finais do século XIX como lugar de passagem de mercadorias e forasteiros entre o Norte e o Sul do País, entre a Borda d'Água e a Outra Banda¹. Possuía então uma concorrida praia de fina areia branca, águas ricas em peixe e mariscos, quintas de lavoura «das primeiras casas nobres de Portugal»². As árvores de fruto e a oliveira, a vinha, as hortas, as searas, os pinhais e as marinhas abasteciam, com os seus produtos, o mercado lisboeta. Moinhos de vento e de água dispersavam-se numa paisagem que se mantinha ainda essencialmente rural.

Em 1861, aproveitando-se a sua excelente situação geográfica, saem do Barreiro os primeiros troços de uma linha de caminho-de-ferro (a do Sul e Sueste), destinada fundamentalmente ao transporte de mercadorias entre a margem norte do Tejo e a extensa região alentejana. Este facto viria a ter, na verdade, uma importância decisiva: o Barreiro não voltou a ser o que era.

A instalação das primeiras oficinas dos caminhos-de-ferro absorve, por um lado, a mão-de-obra repelida pelo sector agrícola decadente e chama outra de fora. Os comboios transportam, por outro, não só produtos minerais e vegetais do Sul do País, como também um numeroso contingente de operários corticeiros, algarvios ou alentejanos, que se dispersam por toda a margem sul do Tejo e, muito particularmente, se vêm fixar no Barreiro. As fábricas de cortiça juntam-se agora às pequenas oficinas de cordoaria e de descasque do arroz, às moagens, e nelas se prepara, para

* O texto agora publicado é uma versão escrita de uma comunicação apresentada no 1.º Congresso Português de Sociologia, organizado pela Associação Portuguesa de Sociologia, em Janeiro de 1988. Agradeço aos meus colegas Aida Valadas de Lima e João Ferrão as reflexões críticas com que debateram esta comunicação.

¹ Veja-se, para a distinção e caracterização destes dois espaços, M. Alfreda Cruz, *A Margem Sul do Estuário do Tejo — Factores e Formas de Organização do Espaço*, Lisboa, s. e., 1973.

² José Augusto Pimenta, *Memória Histórica e Descritiva da Villa do Barreiro*, Lisboa, Typographia Universal, 1886, p. 5.

exportação ou para o mercado interno, cortiça em prancha, rolhas e quadros.

A excelência da posição do Barreiro no estuário do Tejo e sua proximidade da capital, a navegabilidade dos seus canais e, agora, uma nova função de *terminus* da linha férrea não iriam passar despercebidas aos espíritos mais perspicazes. Um autor que escreve nos finais de Oitocentos não deixa de assinalar e sugerir essas extraordinárias potencialidades de progresso reunidas na vila ribeirinha: «Poucas povoações no nosso país haverá que tenham tantos e tão fortes elementos para progredir [...] São vantagens verdadeiramente excepcionais e que, bem dirigidas, podiam, em poucos anos, transformar o Barreiro numa pequena cidade.»³

O apelo não tarda a ser correspondido. Em 1907 é Alfredo da Silva quem começa a instalar no Barreiro as primeiras fábricas da CUF de extracção de óleo de bagaço de azeitona. A construção de novas unidades industriais não pára desde então. Nelas se começa a produzir ácido sulfúrico a partir de pirites portuguesas, superfosfatos para adubagem de terras, enxofre e sulfato de cobre. A par da expansão do sector químico de apoio à agricultura, a CUF lança no Barreiro a produção têxtil pesada e cria as suas próprias oficinas metalomecânicas. Entretanto, a «família cufista» (expressão que Alfredo da Silva gostava de utilizar, referindo-se aos operários das suas fábricas) cresce a olhos vistos: pouco mais de 100 indivíduos em 1907, rondam já os 2000 dez anos depois e são cerca de 6000 nos finais dos anos 30. A CUF recorre, paralelamente, a uma política de fixação do operário à fábrica. Constroem-se logo em 1907 os primeiros bairros operários para alojamento de pessoal admitido nas várias frentes de produção; cria despensas, refeitórios, moagem e padaria, e mesmo um grupo desportivo e cultural.

As chaminés e os fumos, a disciplina e o horário das fábricas, o movimento cadenciado de operários e de vagões que entram e saem dos seus portões fornecem um novo ritmo à vida barreirense. O Barreiro era já, em 1930, com os seus 30 000 habitantes, uma vila industrial.

2. É importante esclarecer o *nível* da realidade a que esta abordagem se coloca, pois, em parte, tal explica as suas potencialidades e limitações.

Trata-se de um trabalho com indicadores demográficos construídos a partir dos dados contidos nos Recenseamentos Gerais da População e Estatísticas Demográficas, entre 1864 e 1981 — com tudo o que eles têm de incompleto e impreciso. No entanto, pareceu-nos interessante conhecer a evolução desses indicadores no tempo, na medida em que podem sugerir ou supor alguns comportamentos familiares — níveis de feminilidade, celibato, nupcialidade, natalidade, mortalidade e fecundidade, entre outros.

A comunidade é assim sondada à superfície, de fora, e é tratada como se fosse um somatório de indivíduos iguais que se caracterizam por certos comportamentos familiares quantificáveis. E, se é verdade que a quantificação fornece da realidade uma imagem artificialmente rígida e esquemática, tem, em contrapartida, a enorme vantagem de permitir contar, arrumar, ordenar e comparar esses indicadores no tempo.

3. Antes de abordarmos o tema da comunicação propriamente dito, gostaríamos de referir que *a teoria sociológica* é relativamente vaga sobre essa articulação entre família e indústria. Estas são geralmente consideradas mais compartimentos estanques do que realidades que se produzem em confronto ou cumplicidade. Os autores que escrevem sobre a família abordam vagamente o processo de industrialização, a experiência e o modo de produção industrial. Aqueles que propõem uma teoria sobre o modo de produção industrial limitam-se a considerar a família um tema marginal ou uma categoria residual. Os casos de T. Parsons e K. Marx serão, talvez, exemplos particularmente significativos destas duas atitudes, teóricas e metodológicas, perante o tema.

Há, no entanto, duas ideias maiores que se retiram da literatura e sugerem interessantes pistas de investigação. Ambas partem de uma fórmula geral que se poderia enunciar da seguinte forma: com as (ou pelo menos a par das) transformações das formas de produção material ligadas ao processo de industrialização há uma mudança nos comportamentos familiares. Essa mudança é visível a dois níveis, macro e microssocial.

As sociedades industriais adoptariam um *regime demográfico* diferente do das sociedades tradicionais. Tornam-se malthusianas, mais ou menos rapidamente. O seu crescimento continua a ser lento, mas baseia-se agora num outro equilíbrio; este resulta da conjugação de baixas taxas de mortalidade e baixas taxas de natalidade.

Ao nível microssocial, o do grupo doméstico propriamente dito, os modelos familiares adoptariam uma versão mais ou menos perfeita do *sistema conjugal*. A industrialização destruiria progressivamente as redes extensas de parentes e vizinhos que envolviam, nas sociedades tradicionais, o núcleo constituído por pais e filhos. É a tese, polémica certamente, da nuclearização da unidade familiar⁴.

Deixando esta segunda ideia de lado, por não constituir propriamente o tema de que aqui se tratará, tentaremos então ilustrar a primeira proposta. O nosso ponto de partida será o estudo da evolução da realidade demográfica do Barreiro que protagoniza, desde os finais do século XIX, um tipo de experiência industrial.

No sentido de abrir pistas de reflexão e de debate, tentaremos ao mesmo tempo comparar esse perfil demográfico com outro, referente a um contexto industrial, mas de natureza profundamente diferente. Escolhemos para isso um distrito do Noroeste português, Braga, cuja dinâmica industrial nos anos 80 tem vindo a ser abundantemente salientada na literatura sociológica portuguesa⁵.

⁴ W. J. Goode, em *World Revolution and Family Patterns* (1963, Nova Iorque, The Free Press, 1970), discute com particular interesse e sentido crítico a relação entre «industrialização» e «sistema familiar conjugal». Fornece, por isso, uma perspectiva estimulante a respeito destes tópicos.

⁵ No Barreiro, como em Braga, e para 1981, uma altíssima percentagem de «população activa com profissão» (cerca de 40%) ocupa-se nos vários sectores da indústria transformadora, valor bastante acima do referente ao continente português (que ronda os 27%). Em segundo lugar, e para o Barreiro, aparecem os «serviços prestados à colectividade, serviços sociais e pessoais» (22,1%); em Braga, pelo contrário, são as «actividades de agricultura, silvicultura, caça, e pesca» que mobilizam cerca de 20% de população activa com profissão (cf., por exemplo, *Anuário Estatístico*, 1986, pp. 16 e 19).

Passamos então a demonstrar um conjunto de propostas que enunciámos do seguinte modo:

- a) É verdade que, a par do processo de industrialização, os regimes demográficos desses espaços (Barreiro, por um lado, e Braga, por outro) se alteraram e aparentemente no mesmo sentido. Podemos dizer que aí as pessoas agora casam mais cedo, casam-se menos pela igreja, há menos mulheres definitivamente solteiras, divorciam-se mais do que os seus compatriotas do interior rural do País. E ainda que as mulheres têm menos filhos, as suas carreiras de fecundidade se tornaram mais curtas, eles morrem menos em bebé ou em criança, as famílias apresentam dimensões mais reduzidas;
- b) Todavia, os factores de diversidade que interpelam essas mudanças gerais, formalmente idênticas entre si, são significativos e não os devemos perder de vista. Referimos apenas os mais salientes: os percursos demográficos desses dois pólos partem já de pontos diferentes, isto é, os contextos de partida já não eram semelhantes; a velocidade, os ritmos de transformação não são iguais: as datas-chave, os *timings* da mudança não coincidem.

4. Tal *diversidade*, e essa é a nossa hipótese, terá muito provavelmente a ver com as diferentes histórias, lógicas e experiências concretas de industrialização vividas nesses dois contextos regionais. Que contornos assume essa diversidade?

O Barreiro é, primeiro, o exemplo de uma grande concentração industrial urbana e operária, assente num modelo de desenvolvimento que atinge o seu apogeu na década de 60 e que conhece os primeiros sinais de recessão a partir, entre outros, da crise petrolífera de 1973.

A criação e o crescimento das grandes fábricas são depois fortemente induzidos do exterior. As ideias e os projectos, os capitais, a mão-de-obra que mobilizaram vêm fundamentalmente de fora. As estratégias (estatal ou empresarial) que vieram a traduzir-se na abertura das linhas de transporte ferroviário (1861), ou na transferência para a Outra Banda das fábricas da CUF (1907), são decididas a partir da capital. De Lisboa vieram também os capitais necessários à sua implementação, bem como os serviços técnicos de apoio aos vários ramos industriais. Não raro, e era o caso dos quadros técnicos ou mesmo dos encarregados das primeiras fábricas da CUF, o recrutamento era mesmo feito no estrangeiro. A mão-de-obra operária é maioritariamente recrutada fora do próprio distrito de Setúbal. São exemplo disso as comunidades de corticeiros, vindos da faixa litoral do Alentejo, da periferia da serra algarvia, e que começam a instalar-se desde os fins do século XIX. Mas também a mão-de-obra adulta da CUF, essencialmente constituída por um campesinato em fuga para a capital, originário da Beira Alta, Beira Baixa, mas sobretudo do Alentejo e do Algarve⁶.

É, por outro lado, relevante notar a importância e a exclusividade da relação salarial no sector secundário para esta população operária a tempo

⁶ A característica de cidade-dormitório que o Barreiro vem assumindo desde os anos 70 e os novos bairros residenciais que alargam a sua malha urbana não são mais do que outra feição dessa cumplicidade das histórias entre a capital e a sua margem sul.

inteiro⁷. Trata-se, além disso, de um operariado essencialmente masculino que se insere, como referimos, em ramos de produção específicos: fabrico de produtos químicos industriais, construção de material de transporte e de produtos metálicos, indústria básica de ferro e de aço, a produção de cortiça, os transportes e comunicações⁸.

Estamos provavelmente em presença de um meio em que as posições de classe são nítidas e rígidas e em que a ligação entre a fábrica e a família é não só permanente, mas também vigorosa⁹.

Em Braga, pelo contrário, depara-se-nos uma dinâmica industrialização difusa organizada em pequenas fábricas, não raro de forma artesanal, dispersas na paisagem rural e enraizadas nas tradições locais. Aqui parece ter estado em causa uma industrialização sem expansão urbana e um recrutamento local de mão-de-obra¹⁰.

Estabelece-se uma continuidade flexível entre o campo e a fábrica, entre o salário e a (pequena) propriedade rural e o salário industrial. As explorações agrícolas familiares e a pluriactividade dos seus membros detêm um peso significativo na organização das actividades económicas. O salário industrial é uma fonte de rendimento que se pode juntar a outras: os rendimentos da pequena propriedade, as remessas de emigrantes, os juros de depósitos a prazo. As situações de classe, neste contexto, surgem provavelmente mais flexíveis, mas fluidas.

A mão-de-obra feminina (e até a juvenil) pode deter um peso significativo nos ramos dominantes da indústria transformadora. É o caso dos têxteis e o fabrico de artigos de vestuário e de utensílios e máquinas eléctricas destinados essencialmente à exportação¹¹.

É curioso notar que a mudança demográfica parece ser gerida de forma distinta nestes dois contextos regionais. Alguns exemplos, retirados da evolução de certos indicadores demográficos entre 1864 e 1981, permitem ilustrar esta proposta (quadro n.º 1).

⁷ O estudo das «contas e rendimentos familiares», bem como o das estatísticas referentes à «população segundo o principal meio de vida» ou «situação na profissão», dão-nos sugestivas informações a esse respeito. Consulte-se, designadamente, o excelente número da *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n.º 22, Abril de 1987.

⁸ A mão-de-obra feminina tem aqui uma participação mais fraca nas actividades dominantes. Ronda os 20% no «fabrico de produtos químicos industriais» e, quanto aos restantes, não excede, em média, os 5%.

⁹ Em trabalhos recentes sobre a estrutura de classes no espaço do continente português, João Ferrão mostra como, na margem sul do Tejo, as situações de classe representam um leque mais reduzido e, sobretudo, surgem de forma mais contrastada. Na península de Setúbal é nítido em 1970 o fortíssimo grau de implantação do «proletariado industrial» (junto ao Tejo) e «agrícola»; em Braga constitui-se uma imbricada malha de situações, que se podem sobrepor, entre «campesinato», «activos não remunerados» e «proletariado industrial». Em 1981 surge já mais fortemente implantada, e sobretudo em torno do concelho de Almada, a «nova pequena burguesia», ligada à expansão do terciário [cf. «Recomposição social e estruturas regionais de classes (1970-81)», in *Análise Social*, vol. XXI, n.ºs 87-88-89, 1985, pp. 565-604].

¹⁰ Enquanto nos distritos de Lisboa e Setúbal se concentra 57% do total da população urbana do País, em Braga o mesmo valor é claramente inferior (22,9%) (cf. J. Peixoto, «O crescimento da população urbana e a industrialização em Portugal», in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 22, Abril de 1987, pp. 101-114).

¹¹ Em 1981, as mulheres constituíam, em Braga, 51% dos «activos» na «indústria têxtil» e 88% no «fabrico de artigos de vestuário, excepto calçado».

População residente no Barreiro

[QUADRO N.º 1]

| Anos | H | M | Total |
|-----------|--------|--------|--------|
| 1864..... | 2 483 | 2 060 | 4 543 |
| 1878..... | 2 551 | 2 292 | 4 843 |
| 1890..... | 2 755 | 2 681 | 5 436 |
| 1900..... | 4 177 | 3 667 | 7 844 |
| 1911..... | 6 510 | 5 693 | 12 203 |
| 1920..... | 7 742 | 7 267 | 15 009 |
| 1930..... | 10 827 | 10 215 | 21 042 |
| 1940..... | 13 305 | 12 799 | 26 104 |
| 1950..... | 14 760 | 14 959 | 29 719 |
| 1960..... | 17 289 | 17 799 | 35 088 |
| 1970..... | 28 615 | 30 440 | 59 055 |
| 1981..... | 37 211 | 38 771 | 75 982 |

Fonte: Recenseamentos Gerais da População para cada ano (volumes nacionais).

5. Entre 1864 e 1981, no Barreiro, a população residente¹² obviamente aumentou, mas também envelheceu, primeiro na base e depois no topo. A população ronda em 1981 os 76 000 habitantes, enquanto não ultrapassava as 5000 almas em 1864. A comparação das pirâmides de idade para esses dois pontos de referência (1864 e 1981) revela um envelhecimento dessa população: a pirâmide retraiu-se na base e inchou no topo. É significativo, por outro lado, o importante contingente de população adulta correspondente aos níveis médios da pirâmide. A análise da evolução do peso dos contingentes jovem/adulto/idoso na população total (quadro n.º 2) ao longo das diferentes décadas permite-nos, aliás, dizer que o envelhecimento na base precede o envelhecimento no topo. É em 1950 que o grupo de jovens¹³ sofre uma queda relevante, passando a corresponder, desde então, a cerca de 30 % da população total (contra os 43 %, em média, dos anos anteriores). Os idosos tornam-se numerosos a partir de 1960, mas é em 1981 que esse fenómeno assume um evidente relevo. A sua presença na população total é cerca de três vezes maior do que em 1864. Vejamos agora o ritmo de crescimento da população residente. Diríamos que se trata de um crescimento feito de excessos, de um avanço procedendo por grandes saltos em datas-chave. Estas correspondem, com toda a evidência, ao período que corresponde aos anos de 1890 e 1911, à década de 60 (quadro n.º 1).

É difícil não ver nestes números um reflexo da instalação das novas infra-estruturas de transporte (quer se trate dos caminhos-de-ferro, em 1861, quer da ponte sobre o Tejo, em 1966) ou das novas unidades de produção (o início, em 1907, da expansão da CUF no Barreiro). Estes factores

¹² Até 1940 não há dados da população residente por sexos. Trabalhamos por isso com a rubrica «população presente» ou «população de facto». A partir dessa data é tomada a «população residente», tal como se regista nos volumes de recenseamento referentes ao continente.

¹³ Incluem-se na categoria «jovens» os indivíduos cuja idade está compreendida entre os 0 e os 19 anos; «adultos», aqueles cuja idade oscila entre os 20 e os 59 anos; «idosos», todos aqueles que têm mais de 60 anos. São estes os critérios usualmente utilizados nos trabalhos de demografia.

actuaram, e poderosamente, como chamariz de mão-de-obra para a indústria, ou, mais próximo de nós, encorajando o recurso à margem sul como espaço-dormitório de uma numerosa população que trabalha em Lisboa.

Proporção de jovens/adultos/idosos na população residente total (percentagem), em alguns anos de recenseamento, no Barreiro

[QUADRO N.º 2]

| Grupos etários | 1864 | 1900 | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1981 |
|----------------------|------|------|------|------|------|------|------|
| 0-19 anos | 42,6 | 42,8 | 42,1 | 31,9 | 28,9 | 32 | 33,1 |
| 20-59 anos | 49,3 | 51,2 | 50,5 | 59,4 | 60,5 | 57,1 | 45,7 |
| + 60 anos | 8,1 | 8,4 | 7,4 | 8,7 | 10,6 | 10,9 | 21,2 |

Fonte: *Recenseamentos Gerais da População*.

O pulsar da vida local e os ritmos da sua vida económica e urbana estão profundamente ligados a ritmos de fora—o crescimento económico e demográfico da capital. Este papel de atracção de emprego industrial (até finais de 1960), e até terciário (a partir de 1970), que o Barreiro desempenhou é naturalmente partilhado pelo próprio distrito de Setúbal, em que ele se insere. A margem sul do Tejo, com o distrito de Lisboa também, constituem um espaço de atracção populacional no continente português, com uma poderosa e total capacidade de fixação das populações atraídas. Entre 1920 e 1960, o distrito de Setúbal é o menos repulsivo dos distritos do continente¹⁴.

Vejamus agora o que se passa no distrito de Braga. O crescimento da população é aqui mais regular, mais constante, mais contido: é suavemente acelerado a partir dos anos 30, volta a atingir níveis modestos entre 1950 e 1970, para conhecer um novo fôlego entre 1970 e 1981. A história da respectiva dinâmica industrial será provavelmente uma história local de continuidades entre formas de organização económicas tradicionais e modernas, entre espaços, actividades ou mão-de-obra rurais e industriais. Braga protagonizou, de forma dramática, por outro lado, e pelo menos até 1960, movimentos de repulsão demográfica¹⁵. O vaivém entre gente que parte para fora e gente que fica na terra assume aqui uma importância decisiva. As mulheres, crianças e jovens que não partem constituirão, por isso, uma reserva local de mão-de-obra, preciosa para as iniciativas industriais e para a conservação das pequenas propriedades agrícolas.

Os níveis de feminilidade e os valores do celibato definitivo feminino fornecem também interessantes pistas de reflexão. O excesso de mulheres sobre o número de homens tem-se atenuado nos dois espaços. Mais próximos em 1864, os níveis de feminilidade no Barreiro são porém sempre inferiores aos de Braga. Tal terá provavelmente a ver com o carácter essencialmente masculino do emprego industrial no Barreiro e com a forte incidência dos movimentos migratórios no distrito do Noroeste (quadro n.º 3).

¹⁴ E lembremo-nos de que, para a mesma data, o saldo é negativo para o continente.

¹⁵ Consultem-se, por exemplo, os trabalhos de J. Alarcão, designadamente *Mobilidade Geográfica na População de Portugal (Continente e Ilhas Adjacentes), Migrações Internas, 1921-1960*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969.

**As taxas de feminilidade no Barreiro e em Braga
(número de mulheres por 100 homens)**

[QUADRO N.º 3]

| | 1864 | 1878 | 1890 | 1900 | 1911 | 1920 | 1930 | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1981 |
|--------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Barreiro | 120 | 111 | 103 | 114 | 114 | 106 | 106 | 104 | 99 | 97 | 94 | 96 |
| Braga | 120 | 121 | 120 | 121 | 119 | 121 | 115 | 112 | 109 | 109 | 111 | 107 |

Fonte: *Recenseamentos Gerais da População.*

Os níveis de celibato definitivo feminino relacionam-se, como é óbvio, com os resultados anteriores. Têm decrescido em todos eles desde finais do século XIX, isto é, o grupo de mulheres que definitivamente não se casam é cada vez menor. Torna-se, no entanto, evidente que no Barreiro os níveis deste indicador são drasticamente inferiores aos de Braga. Mesmo em 1981, a percentagem de mulheres definitivamente solteiras é ali cerca de três vezes inferior à de Braga. O maior equilíbrio numérico entre os contingentes feminino e masculino, por um lado, e o salário industrial, por outro, tenderá a favorecer a posição das mulheres no acesso ao casamento. Essa posição tende a ser mais desvantajosa no Noroeste, facto que se prenderá não só com as perdas masculinas resultantes das migrações para o exterior, como também com o relevo que aí assume a pequena propriedade familiar, com as estratégias de conservação e transmissão que lhe estão subjacentes (quadro n.º 4).

**O celibato definitivo feminino no Barreiro e em Braga
(percentagem de mulheres solteiras no grupo etário dos 50-54 anos)**

[QUADRO N.º 4]

| | 1864 | 1878 | 1890 | 1900 | 1911 | 1920 | 1930 | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1981 |
|--------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Barreiro | 6,5 | 10,3 | 5,3 | 8,0 | 4,9 | 12,0 | 6,1 | 12,6 | 9,3 | 10,8 | 8,7 | 4,6 |
| Braga | 26,9 | 27,3 | 31,4 | 29,8 | 26,3 | 24,8 | 21 | 23,5 | 20,6 | 17,9 | 14,6 | 12,6 |

Fonte: *Recenseamentos Gerais da População.*

Os dados relativos ao casamento jovem¹⁶ parecem reforçar esse contraste. Em todo o litoral do continente português ele tem progredido desde o início do século. O mesmo aconteceu no Barreiro: a idade do casamento tem rejuvenescido, embora o casamento masculino continue a ser mais tardio que o feminino. No entanto, desde finais do século XIX, e com especial destaque em 1940, é claramente superior no Barreiro o contingente de indivíduos que se casam entre os 20 e os 24 anos. Por outro lado, 1970 representa para o Barreiro a data em que esse contingente acusa a mais acentuada subida, passando a representar quase 50 % dessa população. É um avanço precoce em relação a Braga, em que o grande aumento se verifica em 1981 (a taxa de variação acusa então um aumento positivo de 50 %) (quadro n.º 5).

¹⁶ O casamento «jovem» é aqui captado através da percentagem de indivíduos (homens e mulheres) casados no grupo etário dos 20-24 anos.

Os indivíduos casados no grupo etário dos 20- 24 anos (percentagem)

[QUADRO N.º 5]

| | 1864 | 1878 | 1890 | 1900 | 1911 | 1920 | 1930 | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1981 |
|--------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Barreiro | 24,8 | 38,6 | 33,4 | 28,8 | 29,3 | 29,5 | 28,1 | 30,8 | 30,3 | 27,6 | 46,1 | 45,3 |
| Braga | 17,9 | 23,5 | 21,2 | 24,7 | 23,1 | 20,2 | 22,0 | 23,3 | 23,8 | 24,9 | 23,6 | 36,9 |

Fonte: *Recenseamentos Gerais da População*.

Vejam agora os valores da nupcialidade religiosa. A diversidade é flagrante, sugerindo uma relação aos valores (religiosos neste caso) profundamente antagónica. No Barreiro, desde que dispomos de dados, o casamento na igreja é um fenómeno minoritário. Em 1981, só 1 em 3 casamentos se faz na igreja (quadro n.º 6). Embora esta percentagem tenha sofrido, depois de 1970, uma ligeira quebra, em Braga ela ainda se situa, em 1981, acima dos 80 %. A igreja ainda está, neste distrito do Noroeste, no centro de um dos mais significativos rituais familiares. No Barreiro, pelo contrário, parece ser irreversível a ruptura entre família e Igreja. A incidência do divórcio, através do cálculo das taxas de casamentos dissolvidos, aponta no mesmo sentido: ela é claramente superior no concelho da margem sul do Tejo (1,1 % no Barreiro, 0,25 % em Braga).

Casamentos católicos no Barreiro (percentagem)

[QUADRO N.º 6]

| | 1950 | 1960 | 1970 | 1981 |
|--------------------------------|------|------|------|------|
| Casamentos na igreja | 32,5 | 45,3 | 34,0 | 31,5 |

Fonte: *Estatísticas Demográficas*.

É aliás útil referir que o distrito de Setúbal, a que pertence o Barreiro, se caracteriza por «práticas religiosas baixíssimas e instáveis»¹⁷, enquanto em Braga elas revelam níveis muito altos e estáveis. A título de exemplo refira-se que em Setúbal apenas 4,4 % das pessoas com mais de 15 anos assistem à missa, enquanto em Braga a prática dominical mobiliza, em todos os concelhos, mais de 60 % de residentes.

Taxas de natalidade no Barreiro e em Braga (permilagem)

[QUADRO N.º 7]

| | 1890 | 1900 | 1911 | 1920 | 1930 | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1981 |
|--------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Barreiro | 32,0 | — | 40,5 | 37,4 | 27,7 | 18,8 | 17,0 | 14,9 | 19,0 | 16,7 |
| Braga | 31,9 | 31,6 | 33,2 | 34,5 | 33,4 | 29,8 | 31,7 | 32,2 | 26,7 | 19,9 |

Fonte: *Recenseamentos Gerais da População e Estatísticas Demográficas*.

¹⁷ Cf. Luís de França, *Comportamento Religioso da População Portuguesa*, Lisboa, Moraes Editores, 1980.

As taxas de natalidade e de fecundidade conhecem no nosso país, e desde pelo menos 1911, um extraordinário declínio até ao presente¹⁸. Verificamos uma queda semelhante no perfil demográfico do Barreiro, onde os valores das referidas taxas em 1981 são cerca de metade (no caso da natalidade) ou 1/3 (no caso da fecundidade) dos registados em finais do século XIX (quadros n.ºs 7 e 8). É, por outro lado, em 1940 que a queda desses valores é mais acentuada, correspondendo a taxas de variação superiores a 30 %. Ritmo idêntico encontramos na evolução das taxas de mortalidade, cujo declínio entre 1911 e 1981 é particularmente vincado em 1940 (quadro n.º 9).

Taxas de fecundidade no Barreiro e em Braga (permilagem)

[QUADRO N.º 8]

| | 1890 | 1900 | 1911 | 1920 | 1930 | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1981 |
|----------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|------|
| Barreiro | 13,2 | — | 173,9 | 146,3 | 114,2 | 69,5 | 58,4 | 52,4 | 68,9 | 54,4 |
| Braga | 117,6 | 118,0 | 126,6 | 126,4 | 127,0 | 121,3 | 129,9 | 138,4 | 115,8 | 73,5 |

Fonte: *Recenseamentos Gerais da População e Estatísticas Demográficas*.

Taxas de mortalidade no Barreiro e em Braga (permilagem)

[QUADRO N.º 9]

| | 1911 | 1920 | 1930 | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1981 |
|----------------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Barreiro | 17,1 | 18,5 | 16,9 | 11,0 | 7,9 | 8,0 | 6,8 | 8,0 |
| Braga | 23,8 | 26,9 | 17,4 | 16,3 | 14,3 | 11,1 | 9,9 | 7,9 |

Fonte: *Recenseamentos Gerais da População e Estatísticas Demográficas*.

Braga acusa uma evolução semelhante: nascem agora menos crianças e são inferiores os valores da mortalidade. É curioso, porém, observarem-se duas particularidades: os valores das taxas de mortalidade são aqui, e para todos os anos, superiores aos do Barreiro, enquanto só a partir de 1920 o mesmo se pode dizer das taxas de natalidade ou de fecundidade. Desde

¹⁸ Veja-se Ana Nunes de Almeida, *Comportamentos Demográficos e Estratégias Familiares no Continente Português: 1900-1970*, «Estudos e Documentos ICS», n.º 10, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 1984. A taxa de natalidade é aqui calculada pela fórmula:

$$\frac{\text{número de nascimentos-vivos}}{\text{total da população residente}} \times 1000$$

A taxa de fecundidade é calculada pela fórmula:

$$\frac{\text{número de nascimentos-vivos}}{\text{total das mulheres em idade de procriar (15-49 anos)}} \times 1000$$

¹⁹ A taxa de mortalidade é calculada a partir da relação

$$\frac{\text{número de óbitos ocorridos}}{\text{total da população residente}} \times 1000$$

1930, estes valores são em Braga claramente superiores aos do Barreiro. Notamos ainda que a distância que separava estes dois contextos se tende a esbater em 1981, data em que os valores se tornam mais próximos; 1981 é, de facto, e para Braga, o ano em que o declínio dessas taxas é mais acentuado. Vimos a encontrar, afinal, a nova fórmula de crescimento demográfico própria das sociedades industrializadas: a regressão da mortalidade é acompanhada de uma regressão da natalidade.

Depois dos resultados que acabámos de expor torna-se fácil perceber como a dimensão da família tem regredido em ambos os contextos ao longo do século. Podemos acrescentar, consultando o quadro seguinte, que ela se torna, a partir de 1930 e no Barreiro, nitidamente inferior à de Braga. Ainda em 1981, como se pode notar, a distância é grande. O mesmo se confirma ao tomarmos indicadores relativos ao peso das famílias numerosas no total das famílias ou mesmo ao número de filhos por mulher.

Dimensão média da família no Barreiro e em Braga

[QUADRO N.º 10]

| | 1864 | 1878 | 1890 | 1900 | 1911 | 1920 | 1930 | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1981 |
|--------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Barreiro | — | — | — | 4,23 | 4,67 | 4,74 | 4,36 | 4,26 | 3,54 | 3,39 | 3,36 | 2,76 |
| Braga | 4,14 | 4,09 | 4,04 | 4,15 | 4,27 | 4,32 | 4,37 | 4,71 | 4,74 | 4,55 | 4,68 | 4,23 |

Fonte: *Recenseamentos Gerais da População e Estatísticas Demográficas.*

Em 1981, Braga ainda conta com cerca de 15 % de famílias com 7 e mais pessoas, enquanto no Barreiro elas surgem com o insignificante valor de 2 %. Dez anos antes, a diferença era ainda maior: 23 % para Braga, apenas 4 % para o Barreiro. O mesmo sucede com o número de filhos nascidos vivos por mulher. Mais de 70 % das mulheres residentes no Barreiro têm apenas 1 ou 2 filhos; a percentagem é menos de metade no distrito do Noroeste, rondando os 24 %. Ao invés, enquanto a percentagem de mulheres com 5 e mais filhos chega a atingir os 20 % em Braga, corresponde apenas a 4 % no concelho do Barreiro. É interessante referir, por outro lado, que as mulheres activas possuem aqui níveis de fecundidade ainda mais baixos: 39 % das mulheres activas não têm filhos (contra os 11 % das residentes); se os valores referentes às mulheres com 1 filho se aproximam nos dois contingentes femininos, eles tornam-se a afastar para os dois filhos (22,9 % contra 34,6 %) e para os 3 filhos (3,1 % contra 9 %).

6. Tentando agora sintetizar o caminho percorrido para dele se extraírem algumas conclusões, diríamos que os perfis demográficos do Barreiro e de Braga se foram «modernizando» ao longo destas décadas. «Modernizando» no sentido de se afastarem progressivamente do modelo tradicional, em que se conjugavam altas taxas de natalidade e de mortalidade.

Ambos os pólos, aliás, se situam numa faixa litoral do País que constitui um dos termos de uma dicotomia com o interior, em que surgem, por exemplo, a partir da década de 40, os primeiros sinais de rejuvenescimento da idade do casamento e do avanço da taxa de nupcialidade (contido, porém, a partir de 1970).

No entanto, esta evolução geral que aponta no mesmo sentido não deixa de revelar elementos de flagrante diversidade. Os caminhos demográficos que ambos percorreram podem não ser, de facto, os mesmos.

Podem seguir percursos relativamente paralelos que nunca se encontram, pois não só partem de pontos diferentes, como chegam também a pontos diferentes. É o caso, por exemplo, do celibato definitivo feminino e da nupcialidade religiosa. A distância que separa um e outro, neste ponto, é abissal, sugerindo uma profunda clivagem cultural. No Barreiro surge já um decisivo corte entre família e igreja. Em Braga, pelo contrário, parece conservar-se uma estreita ligação entre ritos da vida familiar e cerimónias religiosas. Pode acontecer que sigam também caminhos distantes que excepcionalmente se cruzam — uma, duas vezes (como a evolução das curvas de natalidade e de fecundidade ou da dimensão média da família).

Os tempos da mudança não são também os mesmos. O Barreiro, com todo o distrito de Setúbal aliás, acusa uma nítida precocidade na queda das taxas de natalidade, de fecundidade, de mortalidade e de mortalidade infantil e no recuo da dimensão média da família. Os anos 40, em primeiro lugar, e a década de 60, depois, constituem provavelmente os marcos mais importantes nesta evolução. Em Braga, pelo contrário, a mudança é mais tardia e sobressai a década de 70 como ponto de reorganização decisiva de estratégias familiares, designadamente as que se referem à fecundidade.

É tentador e certamente pertinente aproximar essas macrotransformações demográficas das dinâmicas e experiências industriais que quer o Barreiro quer Braga foram protagonizando no século XX português — em ruptura ou em cumplicidade com a pequena propriedade agrícola familiar.

Não basta, porém, aproximar as duas realidades, sensibilizando o olhar e a curiosidade do investigador para a cumplicidade entre uma e outra. É agora necessário a investigação interrogar e descobrir a natureza, o sentido e a força dessa relação de cumplicidade. Só assim se conseguirá compreender a maneira como efectivamente se articulam e surgem num ou noutro contexto.